



**Mulher e patriarcado no jornalismo:
o jogo discursivo da revista *IstoÉ* sobre Dilma Rousseff**

**Woman and patriarchy in the media:
the discursive game of magazine *IstoÉ* about Dilma Rousseff**

Hevelin Bentes Reis¹
Hellen Cristina Picanço Simas²

Resumo: O presente estudo objetiva analisar reportagem da revista *IstoÉ* para compreender se tal veículo atua como aparelho ideológico, reforçando estereótipos sobre a imagem da mulher. As reflexões são embasadas na teoria da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, como referencial teórico-metodológico, cuja autora mais representativa, no Brasil, é Eni Orlandi. Também se utilizou referencial teórico da área do jornalismo Ramonet (2013), Lage (2001), Traquina (2005) e Silva (2013) e referencial teórico sobre a representatividade da mulher no jornalismo. Os resultados apontam que, na reportagem “Uma presidente fora de si”, a imagem da mulher é de transtornada e desequilibrada emocionalmente, o que reforça estereótipos de que as mulheres são histéricas e fracas emocionalmente para cargos de lideranças. Formação ideológica que enfraquece a luta feminina e coloca a revista, em estudo, como instrumento que perpetua, de certa forma, a violência simbólica contra a mulher.

Palavras-chave: Representação da Mulher. Crise de credibilidade. Jornalismo. Veja e *IstoÉ*.

Abstract: This study aims to analyze a report from *IstoÉ* magazine to understand whether such media acts as an ideological apparatus, reinforcing stereotypes about the image of women. The reflections are based on the French Discourse Analysis (DA) theory, as a theoretical-methodological reference, whose most representative author, in Brazil, is Eni Orlandi. Theoretical reference from the area of journalism Ramonet (2013), Lage (2001), Traquina (2005) and Silva (2013) and theoretical reference on the representativeness of women in the media were also used. The results indicate that, in the report “A president out of her mind”, the image of women is upset and emotionally unbalanced, which reinforces stereotypes about women that they are hysterical and emotionally weak for leadership positions. Ideological formation that weakens the female struggle and places the magazine under study as an instrument that perpetuates, in a certain way, symbolic violence against women.

Keywords: Representation of Women. Credibility crisis. Journalism. See and *IstoÉ*.

¹ Recém-graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas.

² Professora Associada II da Universidade Federal do Amazonas. Bolsista Produtividade da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEAM/2023-2025). Membro do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAM.



Introdução

A condição negativa de repressão e de humilhação em que a mulher foi colocada durante séculos é o fator que nos instiga a trazer a discussão da representação feminina atualmente para compor este estudo, visto que, embora a tão sonhada aceitação da sociedade sobre os corpos despadronizados e, especialmente, a autoaceitação das mulheres sobre sua imagem estejam em processo, não é preciso muito esforço para encontrar repressões contra a mulher. Ao refletir sobre o conceito-análise mulher, notamos que a trajetória feminina é marcada por opressões que remontam os primórdios da humanidade. A jornalista e escritora Rosa Montero (2007) lembra que a mulher, desde os mitos de criação do mundo, já estava submetida a uma condição questionável, quando Eva leva à perdição Adão e toda a humanidade após ser seduzida a comer o fruto proibido. Na mitologia grega, Pandora, primeira mulher criada, é representada com poder de sensualidade e dissimulação, além de ser apontada como culpada por todos os males físicos e espirituais existentes. Nas duas representações, a mulher é vista como um ser “fraco” ou “sem juízo”, nas palavras de Montero (2007).

Apesar de avanços quando se trata da imagem da mulher na sociedade brasileira, a busca pela “perfeição” ainda continua. Na atualidade, a procura pelos procedimentos estéticos tem despertado o lado sombrio da beleza feminina, atingindo diretamente o bem-estar e a saúde da mulher. Os casos de deformação e de morte cresceu a nível assustador, em especial, no Brasil, onde há o maior número de realizações de cirurgias plásticas do mundo, com aproximadamente 1,5 milhões de cirurgias ao ano, ultrapassando os Estados Unidos e o México, em segunda e terceira posição, respectivamente, segundo dados do Portal Hospitais do Brasil (2021). A estatística negativa é reflexo, possivelmente, da auto-rejeição das mulheres, que não aceitam seu corpo natural, bem como é resultado do estímulo de diferentes setores, orientados pelos costumes tradicionais e pelos meios de comunicação, por exemplo. A comunicação é responsável pela contribuição ativa na agenda pública, dessa forma, nota-se a importância do ofício para a abordagem de temáticas complexas na sociedade. Nesse sentido, tem-se o jornalismo como instrumento massivo de informação capaz de manter, reforçar e alterar a forma de a população encarar determinado tema. Por isso, se fez necessária a análise da reportagem



“*Uma presidente fora de si*”³ para verificar na sua materialidade linguística, filiações ideológicas machistas, a partir dos pressupostos teóricos da AD. Para tanto, nos embasamos na Análise de Discurso, segundo a perspectiva teórica de Michel Pêcheux, especificamente nos seus estudiosos, no Brasil, Sérgio Freire de Souza (2006, 2014) e Eni Orlandi (2002). Passemos a conhecer a metodologia desta pesquisa, apresentada a seguir.

1. Procedimentos Metodológicos

O presente estudo se dedica a investigar os discursos presentes na reportagem “Uma presidente fora de si” da revista digital *IstoÉ*, a fim de identificar os sentidos relacionados à construção da imagem da mulher. Para a aquisição do *corpus* foram considerados o seguinte critério: a matéria de cunho jornalístico, cujo discurso fosse “mulher” o tema central, uma vez que, na pesquisa, a questão-problema se pauta na pergunta: qual o papel do jornalismo na construção da imagem da mulher? Selecionado o *corpus* de estudo, então, passou-se a aplicar o método da AD: as etapas *leitura flutuante*, *circunscrição do conceito-análise*, *definição do corpus*, *seleção das sequências discursivas* e *análise e interpretação*. Primeiro, mapeou-se os sentidos de “mulher” presentes nas matérias selecionadas nos veículos citados, depois selecionou-se sequências discursivas (SD) em que se encontravam marcas textuais determinantes para o processo de análise. Nos procedimentos de análise, seguindo as orientações de Souza (2014), baseou-se em três perguntas heurísticas, que auxiliaram a evidenciar os sentidos. A primeira trata-se da pergunta: qual é o conceito-análise presente no texto? No caso desta pesquisa, qual o conceito de mulher nos produtos jornalísticos em estudo? Trata-se de uma pergunta autoexplicativa, pois o texto já traz um sentido sobre o conceito-análise ou será definido a partir da leitura. Depois perguntou-se como o texto construiu o conceito-análise? Pergunta repetida até que um sentido fosse estabelecido para o conceito-análise (SOUZA, 2014). Enquanto houve sentidos sendo produzidos pelo texto, a análise continuou até que o sentido do conceito-análise fosse saturado.

³Disponível em: https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/



É possível nos situarmos quanto à natureza da pesquisa, que se configura como básica. Quanto aos procedimentos, levou-se em consideração a pesquisa bibliográfica para suporte das noções teóricas da Análise do Discurso de linha francesa, sob perspectiva do seu fundador, Michel Pêcheux (1993), alinhado aos estudos de Eni Orlandi (2002), Sérgio Souza (2014) e, para as concepções de jornalismo como mecanismo de construção social, ancorado nos pressupostos de Nelson Traquina (2005) e Ignácio Ramonet (2013). Além da pesquisa bibliográfica também se utilizou a pesquisa de campo virtual no site da revista *IstoÉ*.

2. Discurso na reportagem “Uma presidente fora de si”

Com o desenvolvimento da indústria midiática, o contexto feminino passa a ser explorado com frequência, vendendo a imagem estereotipada da mulher e mostrando que o ser humano sempre necessitou usar da figura idealizada como respaldo para se fortalecer sob os olhos do outro e, aos moldes dos episódios passados a história se repete perpetuando padrões. Recorrendo à história, tem-se diversos exemplos de conquistas alcançadas por meio das estratégias midiáticas no Brasil e no mundo. Desde os triviais contos infantis às leis constitucionais, a mulher esteve sob submissão patriarcal. Apropriando-se inconscientemente desses argumentos como justificativa, a mídia participou da propagação de discursos que, de certo modo, ferem a integridade do indivíduo ou grupo cultural,

Tomando como referência o direcionamento apontado pela mídia como o ideal a seguir, entende-se o quanto é imprescindível para a sociedade conhecer como se dá esse processo para, então, perceber, interpretar e, principalmente, desenvolver o senso crítico sobre tais estratégias discursivas midiáticas como um ato de resistência às manipulações, contribuindo para uma mudança positiva acerca das produções midiáticas.

Chamaremos de SD-1 o título da reportagem, **Uma presidente fora de si**⁴. Na SD, observa-se o termo **presidente**⁵ fazendo referência à Dilma Rousseff mesmo após ela ter solicitado a substituição da denominação “presidente” por “presidenta” tanto em documentos oficiais quanto em referências a ela feitas pela mídia. A manutenção textual de presidente, neste

⁴ Disponível em: https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/.

⁵ Faremos uso da denominação presidenta ao fazermos referência à Dilma Rousseff.



caso, aponta para desaprovação não somente ao uso de “presidenta”, mas também quanto à atuação política de Dilma. Com a inauguração do termo “presidenta”, Dilma se afirma não só como eleita e reeleita pelo voto popular, mas também potencializa seu lugar numa posição de liderança e destaque representando o papel único e pioneiro de representante das mulheres na democracia brasileira, posição essa que, majoritariamente, foi ocupada por homens e que jamais foi vista ou cogitada antes (TIBURI, 2018). Para a autora, ao intitular-se “presidenta”, Dilma consegue promover um certo mal-estar às praxes machistas e até interrompe o jogo de linguagem da história da política do país articulado para desqualificar as conquistas femininas. A ausência da definição “presidenta” é predominante ao longo do texto, caracterizando a misoginia empregada às mulheres e transmitida de geração a geração, reafirmando o feminismo e o machismo em lados opostos.

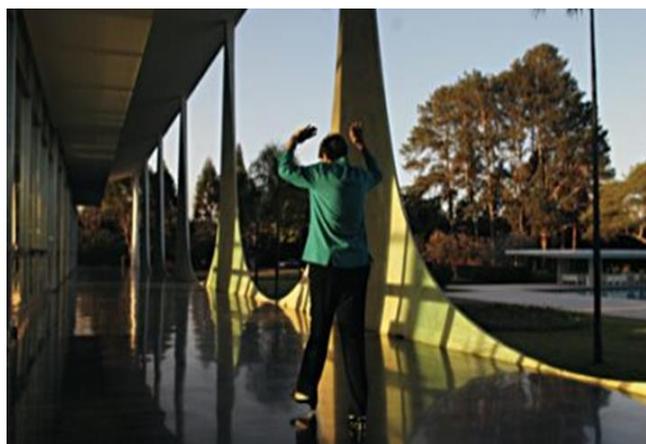
Sem mostrar a imparcialidade, preconizada pelo jornalismo, a SD-1 descreve Dilma como **fora de si**, expressão que revela uma memória discursiva historicamente construída no campo da psicanálise, área em que se concentra em investigar e explicar o funcionamento da subjetividade humana, auxiliando-o em suas próprias relações, pois a psicanálise ultrapassa seu valor como tratamento curativo de aspectos que circundam a neurose, visto que sua influência se faz sentir também no campo da filosofia, da literatura, das artes em geral e em todos os movimentos intelectuais relacionados ao indivíduo (ONS, 2018).

A relação traçada na SD, coloca a presidenta no contexto dos distúrbios mentais, representando perigo e reforçando o estereótipo da mulher histérica e desequilibrada mentalmente. O diagnóstico da histeria foi um marco no nascimento da medicina psiquiátrica como ciência, na segunda metade do século XIX e, posteriormente, contribuiu para o surgimento da psicanálise no século XX (BOTTON, 2020). Com exclusividade às mulheres, a histeria deriva da palavra grega *hystero* que denota “útero”, logo, está associada a uma série de manifestações comportamentais que definia as mulheres como doentes e, por isso, precisavam ser diagnosticadas, tratadas e curadas da loucura e, assim, destinadas, mais uma vez à exclusão do protagonismo social, mas sendo preservadas para a maternidade e o trabalho da criação dos filhos (BOTTON, 2020), contribuindo também para a exclusão de mulheres do controle e decisões referentes ao convívio social. Logo, temos indicação de formação ideológica machista



presente no título da matéria jornalística. Em seguida temos o primeiro recurso fotográfico da reportagem, ao qual chamaremos de SD-2.

Imagem 1: Dilma caminhando



Fonte: PARDELLAS E BERGAMASCO, 2016.

Na SD-2, observa-se uma imagem com cerca de 90% em tons escuros acompanhando a figura da mulher política, Dilma Rousseff, ao centro da fotografia. Logo, uma mensagem subliminar parece despertar no leitor a ideia de tempos sombrios no governo Dilma, especialmente, por mostrar a presidenta de costas, com as mãos fechadas no alto, cabeça inclinada para baixo, em gesto de fúria e angústia ao mesmo tempo.

A fotografia carrega sentidos que somado ao título **uma presidente fora de si** causam o efeito de sentido no leitor de que a postura da presidenta é de quem não tem mais o controle. Os discursos das SDs 1 e 2 contracenam construindo um ambiente de desespero, além de desqualificar Dilma, insinuando pouca saúde mental para exercer as atribuições presidenciais, tendo em vista que “o mesmo comportamento, se manifestado por um homem, terá na cultura outros significados, como virilidade, agressividade ou, mais negativamente, como grosseria. Mas jamais põe em risco o status da racionalidade do homem” (DANTAS, 2019, p. 199).

Dilma Rousseff, além de tudo, não é a mulher dos moldes da branquitude burguesa, europeia e obediente. Ela está longe de ser a “bela, recatada e do lar” [...] Contra isso, revistas tentaram fazê-la passar por louca, má, agressiva,



doente. Manipulações da imagem fazem parte da era do espetáculo político (TIBURI, 2018, p. 113).

O fato de Dilma não se respaldar no estereótipo padrão estabelecido para as mulheres, acabou revelando o aporte do machismo enraizado na sociedade, para incriminar uma mulher em condição de poder político. É possível perceber o quanto as manobras políticas ultrapassam os limites políticos e passam a atingir a vida pessoal da presidenta. Desse modo, observa-se que tanto seu visual quanto seu comportamento são alvos de ofensas para deslegitimá-la em suas atribuições profissionais.

A prática caluniosa e de discriminação é comum ser vista entre as oposições político partidárias. Entretanto, a utilização desse artifício pela mídia, como campanha política para conquistar simpatizantes e eleger candidatos aliados, não só excede o profissionalismo como também passa por cima do Código de Ética dos jornalistas brasileiros que deixa claro que o jornalista não pode “usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime” (FENAJ, 2007, p. 02). Incitação da violência se dá partir do momento que a estratégia, gera no público, um sentimento de revolta em decorrência de um suposto descontrole que só prejudicaria as ações do país, o que contribui para que uma onda de violência seja promovida contra a presidenta e seus aliados, além de enfraquecer o poder democrático da sociedade que passa a ser manobrada pelas estratégias políticas. A seguir temos a SD-8.

Imagem 2: Dilma em discurso





Fonte: Pardellas e Bergamasco (2016).

A SD-8 se apresenta com uma linguagem mista, em que os elementos visuais se cruzam com o verbal, tornando o diálogo mais prático ao leitor. A linguagem clara, em termos de acessibilidade a todos os públicos, é um dos preceitos de inclusão, adotados pelo jornalismo para que seja possível se consolidar como o instrumento de luta social, visto que, por meio do conhecimento, se instiga reflexões que levam à revolução. Nesse sentido, observa-se um desvio desse preceito quando a SD deixa o dever de informar para estimular mais interpretações ou reforçar as acusações das SDs anteriores.

Na imagem, observa-se uma espécie de título **os alvos do destempero**, seguido de um subtítulo **a descompostura presidencial não escolhe vítima. Sobra para todo mundo**, abaixo, a imagem da presidenta Dilma segurando um megafone em ato de argumentação. No canal de saída sonora do equipamento está a frase **quem esse menino pensa que é? Um dia ele ainda vai pagar pelo que vem fazendo**, simulando agressividade na fala, seguida da informação do sujeito “Dilma, na semana passada, sobre o juiz Sérgio Moro”. Logo acima da frase está a imagem do juiz Sérgio Moro com a mão esquerda posicionada na altura da cabeça com as pontas dos dedos tocando levemente a parte superior do rosto e olhos fechados, indicando aborrecimento. Podemos também analisar a palavra “menino”, que usada para se referir ao outro faz emergir o sentido de que quem fala está na fase da velhice, no sentido negativo do termo, ou seja, alguém que está sendo superado pela juventude e, em virtude das consequências da fase, não apresenta capacidade de liderança em decorrência das perdas psicomotoras, sociais e culturais. A SD, portanto, apresenta um novo obstáculo para a permanência da presidenta no cargo. Na mesma perspectiva, a próxima imagem, SD-9, exhibe cinco episódios que envolvem a presidenta de forma negativa.

Imagem 3: Vários trechos de discursos



Fonte: Pardellas E Bergamasco (2016)

Na SD-9, o sujeito discursivo faz revelações acerca da forma de tratamento da presidenta Dilma com funcionários e aliados, em que o viés autoritário é impasse para o bom relacionamento entre as partes envolvidas. As imagens estão acompanhadas pelas supostas frases ditas pela presidenta. Cada uma delas, acusa Dilma de praticar insultos, humilhações e até ameaça de desemprego.

Os verbos *dicendi*, conhecidos como verbos de elocução ou declaração, são comumente usados no jornalismo para dar suporte ao final da fala das fontes, funcionando como uma pequena frase de efeito em que se apresenta a maneira pela qual a fonte expressa um tipo de emoção. Na SD os verbos **esbravejou** e **vociferou** marcam uma violência excessiva em cada uma das circunstâncias em que se apresentam, o que contribui para acentuar a repulsa nas palavras proferidas pela presidenta, atestando ainda a autenticidade da fala como uma testemunha direta do fato, visto que, os verbos sugerem uma testemunha ocular na cena para relatar as emoções descritas. No entanto, a testemunha não aparece no decorrer do texto. Em seguida temos a SD-16:

Imagem 4: Dilma pensativa



Fonte: Pardellas e Bergamasco (2016).

Sentada entre duas cadeiras vazias, Dilma está com cabeça levemente inclinada para baixo com expressão entristecida. Ao seu lado direito um pequeno texto se inicia com a frase **cada vez mais só**, alegando que aos poucos a presidenta perde aliados de governo em função do momento turbulento que enfrenta. E a prova dessa perda acontece no evento do programa Minha Casa Minha Vida, em que, de acordo com o sujeito discursivo, a presidenta precisou convocar plateia para preencher os lugares vazios, pois nenhum dos governadores convidados compareceu ao evento e, apenas 08 dos 300 prefeitos se fizeram presente. Essa seria a justificativa para **a volta da tática do terror** descrita no decorrer da reportagem demonstrando haver um sistema desonesto que desenvolve e dissemina o nocivo **discurso do medo** também mencionado na matéria algumas linhas abaixo da imagem.

Também temos o sentido de que é o terror que ocupa o Governo neste momento, posto que a palavra terror foi posta bem em cima da cadeira sem pessoa e a palavra é exalada com o fundo negro da cadeira. Como afirma Orlandi (2002, p. 29) “Se observamos do ponto de vista da cromatografia política, o negro tem sido a cor do fascismo, dos conservadores, da “direita” em sua expressão política”, logo, notamos que a ideologia política que se faz presente é a iniciada por Benito Mussolini, o movimento fascista, caracterizado pelo autoritarismo, poder ditatorial, repressão da oposição e violência extrema, fazendo com que a circunstância mobilize o sentimento de incerteza, de medo e pavor, o que acaba contribuindo também para a



potencialização do discurso político de promessas que em algumas das vezes sequer são cumpridas. Com o pavor instaurado no imaginário popular, as propostas políticas são articuladas com intuito de causar a impressão de ser a única alternativa para a melhoria de vida da população que passa a crer nas promessas políticas e a ter esperança de dias melhores. Por isso, no jogo político, a promessa acabou se mostrando muito eficiente como marketing eleitoral. Elas são usadas inconsequentemente para persuadir o público sobre o “melhor” administrador público e, assim, conquistar, cada vez mais, eleitores.

No caso da SD-16, o sujeito discursivo além de mostrar que o governo Dilma tenta obter apoio por meio da exaltação dos programas sociais e causando também a **tática do terror**. O alerta se estende no decorrer do texto, onde é mencionado o perigo de cortes na execução desses programas, caso Dilma não permaneça no cargo, fazendo com que a população, dependente deles, se veja obrigada a apoiar o partido político que melhor apresenta um discurso defensor a eles.

As acusações são alimentadas por afirmações que responsabilizam a presidenta de cultivar a prática de promessa e ameaça, usadas na política brasileira. No entanto, cabe lembrar que há uma certa inimizade entre políticos eleitos e os que estão saindo da gestão política. É em nome dessa inimizade que obras e programas sociais são deixados de lado e, a descontinuidade desses projetos afeta diretamente a população carente que passa a temer uma nova gestão. Nesse sentido, certifica-se a preocupação da população pela perda dos benefícios.

SD-4: Segundo relatos, a mandatária está irascível, fora de si e mais agressiva do que nunca (PARDELLAS; BERGAMASCO, 2016).

Sem identificar a origem e a proximidade da fonte com a ocorrência ou recorrer ao recurso do personagem fictício – usado nos casos em que a fonte não deseja ser identificada por motivo de ameaças ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação conforme rege o Código de Ética – o que torna a reportagem passível de desconfiança, os relatos da SD-4 seguem na perspectiva de descontrole da presidenta descrevendo-a como **irascível** e estar **mais agressiva do que nunca**, as características indicam a presença de transtorno mental nas atitudes



da presidenta antes mesmo do processo de afastamento, mas que, porventura, se agravou após o ocorrido, o que a deixa numa condição de vulnerabilidade e impossibilidade de administrar.

Desse modo, notamos que, na reportagem, da mesma forma que na formação da psiquiatria nacional, também se elabora uma forma de colonização do feminino a partir da propagação de modelos de ser mulher ou figuras de mulheres que deixaram de sê-lo, por terem degenerado (BOTTON, 2021). Este último caso, expressa o modo como Dilma é retratada na reportagem.

SD-12: Mas não precisa ser psicanalista para perceber que, nas últimas semanas, a presidente desmantelou-se emocionalmente.

Na SD-12, temos o sujeito-jornalista praticando juízo de valor ao se manifestar na afirmativa: **não precisa ser psicanalista para perceber que, nas últimas semanas, a presidente desmantelou-se emocionalmente**, autorizando-se a dispensar as atribuições do profissional psicanalista e certificando, de acordo com suas próprias percepções, a condição de insanidade da presidenta, conduta que se distancia do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o qual deixa claro o dever do jornalista em ouvir, antes da divulgação dos fatos, o maior número de pessoas e de instituições envolvidas em uma cobertura jornalística e buscar provas que fundamentem as informações de interesse público (FENAJ, 2007). É, por meio do cumprimento das orientações do Código de Ética, que se configura um cenário de credibilidade entre o jornalismo e o público. Caso contrário, é no espaço desse não cumprimento que as portas para a Insegurança Informativa se abrem (RAMONET, 2013).

A prática funciona também como arma do jogo político para remeter Dilma à uma condição de incapacidade emocional de lidar com o controle das decisões do país e, assim, descredibilizar uma mulher perante o público, obrigando-lhe a deixar a presidência do país, conquistada democraticamente. Desse modo, Dantas (2019) observa que:

Não se trata de crítica a partir de uma ação concreta da presidenta que se quer discordar, mas de recorrer a estereótipos comuns do feminino para consolidar a mensagem de inadequação de Rousseff ao cargo, para imputar-lhe o desastre e a maldade como marcas (DANTAS, 2019, p. 127-228).



A desigualdade de gênero no enunciado, denuncia a realidade dentro e fora das redações, articulando e perpetuando noções de caráter sexista, em que a mulher é alvo de xingamentos que depreciam sua imagem. A violência cultivada para manter a mulher em uma posição inferior ao sexo oposto é o pivô para o combate contra a igualdade de gênero, que luta para vencer o preconceito.

A seguir temos o último recurso fotográfico da reportagem, denominado SD-18 que aparece na reportagem acompanhado da SD-19.

SD-19: *As diabruras de “Maria, a Louca”* (PARDELLAS E BERGAMASCO, 2016).

As SDs 18 e 19, não só representam como trazem à tona um apanhado de **diabruras** resgatadas na memória discursiva de um dos personagens femininos mais marcantes no cenário político no século XVIII, **Maria I, a Louca**, primeira mulher a governar Portugal e, conseqüentemente, primeira rainha do Brasil. Fica evidente o interdiscurso entre as duas trajetórias. Em outras palavras, é possível a leitura de que o caso de “loucura” não é exclusividade do momento, mas sim, está dentro da “normalidade” a insanidade vir à tona em casos de crise política quando o governo está nas mãos de uma mulher.

A memória discursiva traz à tona ainda outros episódios semelhantes, a tentativa de tratamento de Maria I foi a que pouco obteve resultado, apontando para um entendimento de que a mulher, naturalmente, apresenta aspectos de loucura, demonstrando que o tratamento é um meio pouco improvável de obter resultados positivos. Nesse sentido, Maria I aparece para reforçar a mulher dentro do protótipo “louca”, potencializando o retorno da mulher ao seu lugar idealizado, o espaço privado dos afazeres domésticos, assim, a circunstância se apresenta como oportunidade para um homem suceder ao cargo.

SD-3: *Os últimos dias no Planalto têm sido marcados por momentos de extrema tensão e absoluta desordem com uma presidente da República dominada por sucessivas explosões nervosas, quando, além de destemperado, exibe total desconexão com a realidade do País* (PARDELLAS; BERGAMASCO, 2016).



SD-5: Para tentar aplacar as crises, cada vez mais recorrentes, a presidente tem sido medicada com dois remédios ministrados a ela desde a eclosão do seu processo de afastamento: rivotril e olanzapina, este último usado para esquizofrenia, mas com efeito calmante (PARDELLAS; BERGAMASCO, 2016).

A **extrema tensão** na SD-3 marca o início da oração que, linguisticamente, indica o sentido de nervos à flor da pele. No entanto, no esforço para imputar a insanidade à presidenta, a expressão vem seguida de **absoluta desordem**, denotando descontrole em função da tensão causada pelos incidentes do governo que chegaram ao extremo a ponto de serem inevitáveis, contribuindo para a afirmação em que a **presidente da República** está **dominada por sucessivas explosões nervosas**. O estado delicado descrito sobre Dilma representa, para os mais próximos, sensação de pavor de ter sua integridade física e moral afetada com insultos ou agressões físicas, representando também perigo eminente para a gestão do Brasil.

Na tentativa de **tentar aplacar as crises, cada vez mais recorrentes**, condição que demonstra que o quadro clínico de Dilma atingiu o estágio mais avançado da suposta doença e, por isso, desde o início do processo de afastamento precisou da intervenção de dois medicamentos, Rivotril e Olanzapina com efeito sedativo. A loucura incitada pelo sujeito discursivo nas SDs anteriores passa a ter diagnóstico definido e até receitado na SD-5 mesmo sem a comprovação de um profissional habilitado, se responsabilizando pela prescrição, nos instigando a refletir sobre a fundamentação das fontes e sua necessidade delas. As fontes são os personagens que testemunham ou participam diretamente do fato, elas exercem função de promover a veracidade dos fatos fazendo com que o veículo tenha capacidade de incitar confiança em seu público. Para Schwaab e Zamin (2014) alcançar a confiança, requer do jornalista, a soma de fatores que se complementam estabelecendo relações seja com as fontes, com a sociedade, ou com os próprios membros da comunidade profissional.

Para cumprir sua função, ele se faz valer de técnicas, gêneros, formatos e processos de edição por meio dos quais é possível escolher, excluir ou acentuar determinados aspectos dos acontecimentos, amparado sempre pelo capital simbólico do próprio campo, a credibilidade (SCHWAAB; ZAMIN, 2014, p. 51).



É no cumprimento dessa função que o jornalista trabalha a criação de verdades discursivas, fazendo valer sentidos desmistificados em outros contextos, a partir dos recortes selecionados de uma determinada realidade, ou seja, como em qualquer discurso, que é feito de sentido entre interlocutores (ORLANDI, 2002), há uma construção de um novo sentido, que será o divulgado nos veículos. Compreendemos, por isso, que os sentidos podem se deslocar ou ressignificar conforme a época ou contexto em que circulam.

Diante dos dados, as SDs comprovam filiação à ideologia machista no discurso da matéria em estudo, fator que pavimenta a estrada da descredibilidade do jornalismo perante leitores e telespectadores, uma vez que a violação do regimento profissional implica no descompromisso com a responsabilidade social inerente à profissão. Desse modo, são frequentes os desrespeitos aos direitos do cidadão, as discriminações de qualquer natureza e a falta de promoção de garantias individuais e coletivas.

Considerações finais

As marcas textuais encontradas na reportagem nos dirigiram para a identificação da formação ideológica em que se predominou o discurso machista, visto que que é recorrente o uso de adjetivos pejorativos para tratar a presidenta, que aparece hostilizada e até silenciada, pois, em nenhum momento o direito de resposta se faz presente na matéria. As declarações não profissionais sobre saúde mental se resumem a opiniões de fontes não identificadas, mas, de acordo com a reportagem, próximas à Dilma Rousseff.

Ao se mostrar contrária ao Governo Dilma, a reportagem reúne e discute argumentos como histeria, loucura e velhice. Tais conceitos relacionados à presidenta prejudicam sua imagem política, fazendo com que o público abrace o processo de deslegitimação e, de acordo com Tiburi (2018), a relação de poder se cria por meio do ato de falar sobre o outro. Na categoria do ‘outro’, é que se cria um discurso. É dessa forma que se estabelece a criação da mulher ideal e, ao mesmo tempo, se demoniza a mulher fora do “ideal” (TIBURI, 2018). Contudo, fica evidente a sentença para a mulher que não se enquadra no padrão estabelecido, desobedecendo



os ritos de comportamentos. Por isso é taxada como histórica, logo, não apresenta condições emocionais para ocupar cargos importantes como por exemplo, a presidência do Brasil.

A análise também promoveu um entendimento acerca do modo como as questões de gênero são entendidas e retratadas na atualidade. E, mesmo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros sobre a conduta do profissional, vimos a reportagem da revista *IstoÉ*, um dos veículos jornalísticos mais expressivos do país, contribuindo com a consolidação da opressão feminina desde o estereótipo da princesa até o estereótipo da mulher independente. Assim, a prática jornalística analisada trabalha para manutenção das desigualdades sociais e assegura, por outro lado, repressão aos grupos marginalizados pelo sistema. É por isso que o debate se torna importante e urgente para que se possa recuperar a credibilidade e o jornalismo se fortaleça como defensor da cidadania. Com a confiança do público abalada não é possível que esse sistema cumpra sua função de consolidar os direitos essenciais do cidadão. Sendo assim, refletir sobre o jornalismo na perspectiva de instrumento capaz de contribuir com as causas de dignidade humana, de noções de direitos e deveres e, principalmente, de ajuda mútua, pensando única e exclusivamente no bem-estar da coletividade é crucial.

Referências

BOTTON, Viviane Bagiotto. Histeria, mulher e feminino. **Rede brasileira de mulheres filósofas**, 05 nov. 2020. Disponível em: <https://www.filosofas.org/post/histeria-mulher-e-femenino>. Acesso em: 05 nov. 2021.

BOTTON, Viviane Bagiotto. As mulheres loucas do Brasil na Primeira República entre a psiquiatria nacional e a colonização do feminino. **Contraponto**, Teresina, v. 10, n. 1, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/13028>. Acesso em: 05 nov. 2021.

DANTAS, Fernanda Argolo. “**Dilma Rousseff: uma mulher fora do lugar**”: as narrativas da mídia sobre a primeira presidenta do Brasil. 2019. Tese (Doutorado em cultura e sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. **Federação Nacional dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória, 04 ago. 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

LAGE, Nilson. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MONTERO, Rosa. **História das Mulheres**. Rio de Janeiro: Ed Agir, 2007.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.



PARDELLAS, Sérgio; BERGAMASCO, Débora. Uma presidente fora de si. **IstoÉ**, 01 abr. 2016. Disponível em: https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/. Acesso em: 06 ago. 2021.

BRASIL É O TOP 1 mundial em número de cirurgias plásticas. **Portal Hospitais do Brasil**, 04 out. 2021. Disponível em: <https://portalhospitaisbrasil.com.br/brasil-e-o-top-1-mundial-em-numero-de-cirurgias-plasticas/>. Acesso em: 11 fev. 2022.

RAMONET, Ignácio. Meios de Comunicação: um poder a serviço de interesses privados? *In*: MORAES, Dênis de (org.). **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo, 2013.

SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 13, n. 01, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/5387>. Acesso em: 01 abr. 2022.

SILVA, Silmara Dela. A análise de discurso e a formação do jornalista. **Entremeios**: revista de estudos do discurso, v. 7, jul./2013. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em: 28 out. 2021.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Análise de Discurso**: procedimentos metodológicos. Manaus: Instituto Census, 2014.

TIBURI, Márcia. A máquina misógina e o fator Dilma. *In*: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda. **O golpe na perspectiva de gênero**. Salvador: Edufba, 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insultar, 2005.